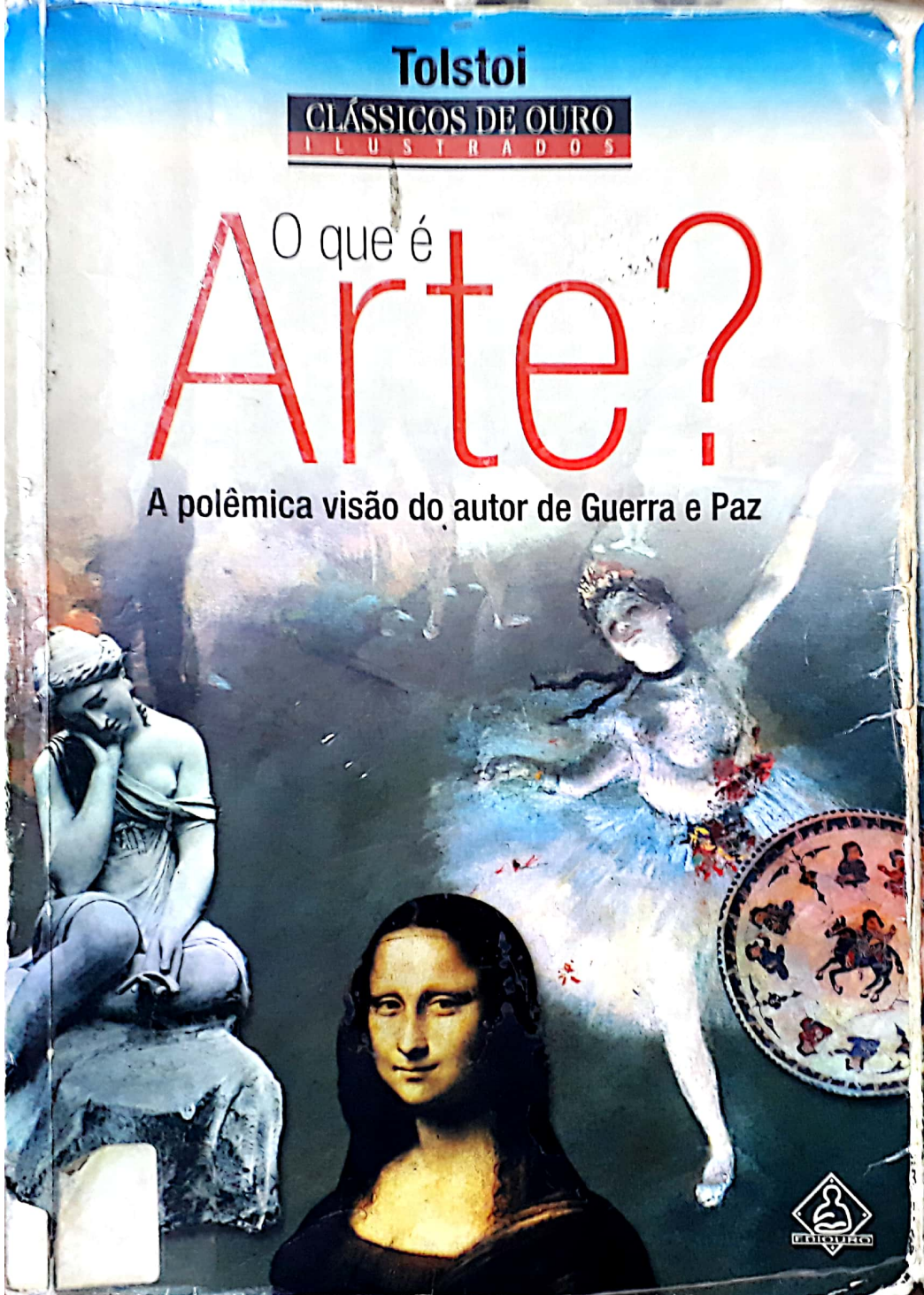


Tolstoi

CLÁSSICOS DE OURO  
ILUSTRADOS

# O que é Arte?

A polêmica visão do autor de Guerra e Paz



Segundo Tolstoi, o autor consagrado de *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*, "Arte não é apenas um prazer, um consolo ou entretenimento. Arte é assunto de peso. A arte é um órgão da vida humana transmitindo a percepção racional dos homens para o campo dos sentimentos. E a tarefa da arte é enorme. Por meio da influência da verdadeira arte, auxiliada pela ciência, guiada pela ética, pela religião, pela cooperação pacífica do homem, que agora é mantida por forças externas \_ polícia, cortes judiciais, inspeções, pressões, instituições de caridade e assim por diante \_, a arte, junto com as ciências astronômica, física, química, biológica, técnica e médica, deveria possibilitar a libertação da humanidade das decepções religiosas, jurídicas ou sociais, e servir para promover o bem-estar de todos e não de uma única classe social, favorecendo, assim, a fraternidade, a paz e o progresso".

Leon Tolstoi

**CLÁSSICOS DE OURO**

**I L U S T R A D O S**

# O que é Arte?

A polêmica visão do autor de Guerra e Paz

TRADUÇÃO

Bete Torii

SBD-FFLCH-USP



241434

Visite nosso site: [www.ediouro.com.br](http://www.ediouro.com.br)



3944

**Copyright © 2002 Ediouro Publicações S.A.**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98.  
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,  
sem autorização prévia, por escrito, da Editora.

Direção Executiva: Edaury Cruz  
Gerência Editorial: Jiro Takahashi  
Coordenação Editorial: Lourdes Araújo  
Assistência Editorial: Regina Garcia e Camila Werner  
Tradução: Bete Torii  
Preparação de Texto: Vera Monteiro  
Revisão de Texto: Marta L. Tasso  
Edição de Arte: Hamilton Fernandes  
Supervisão Iconográfica: Mônica de Sousa  
Pesquisa Iconográfica: Cristina Akisino  
Consultoria em russo: Nivaldo dos Santos e Mário Francisco  
Gerência de PCP: Luciene Baptista  
Produção Gráfica: Jaqueline Lavôr  
Planejamento Editorial: Ana Maria Ferreira, Vicente Rodrigues,  
Roberta Matheus e Marco Rodrigues  
Capa, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Diarte Editora e Coml. de Livros Ltda.  
Imagem da p. 2: *As gralhas chegam*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Tolstoi, Leon, 1828-1910.

O que é arte? / Leon Tolstoi; tradução Bete Torii. —  
São Paulo: Ediouro, 2002 — (Clássicos ilustrados)

Título original: What is art?  
ISBN 85-00-01096-7

1. Arte e moral 2. Estética 3. Tolstói, Leão, 1828-1910  
I. Título. II. Série.

02-2042

CDD — 701

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Arte: Teoria

701

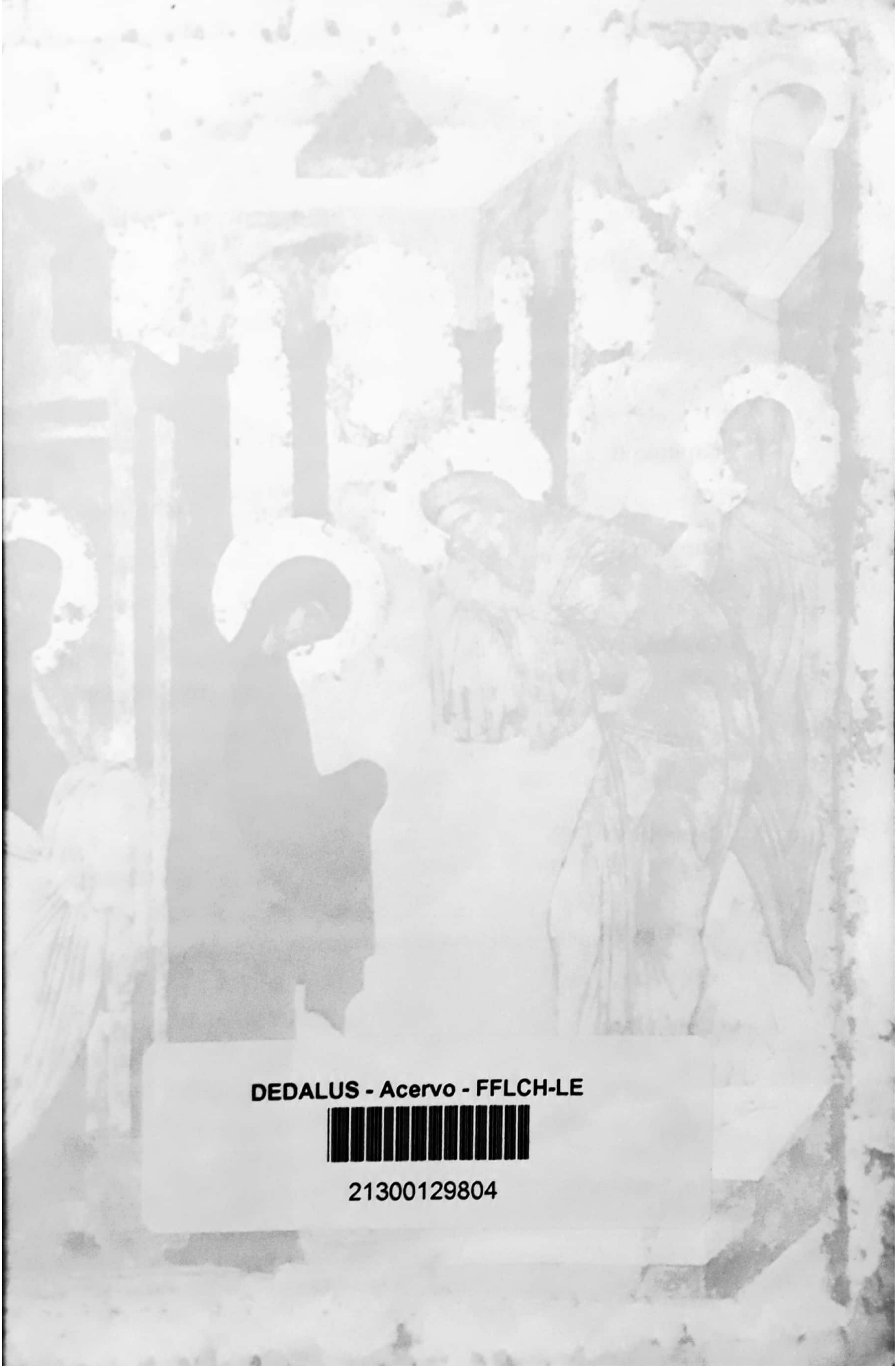
**Ediouro Publicações S.A.**  
**Rio de Janeiro**

Rua Nova Jerusalém, 345 — CEP 21042-230 — Bonsucesso — Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (0XX21) 3882-8200 — Fax: (0XX21) 3882-8212 / 8313  
E-mail: [livros@ediouro.com.br](mailto:livros@ediouro.com.br)

**São Paulo**

R. Catulo da Paixão Cearense, 631 — Vila Saúde — CEP 04145-011 — São Paulo — SP  
Tel.: (0XX11) 5589-3300 — Fax vendas: (0XX11) 5589-3300 ramal 233  
E-mail: [vendas@ediouro.com.br](mailto:vendas@ediouro.com.br)  
Internet: [www.ediouro.com.br](http://www.ediouro.com.br)

1349673



DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300129804



## PREFÁCIO

“É impossível viver deste modo – impossível, impossível, impossível.”

Essa irada e ao mesmo tempo angustiada observação é retirada de um artigo escrito por Tolstoi em 1882 (denominado *Por ocasião do Censo de Moscou*). Longe de ser uma frase de efeito deslocada do contexto em que foi formulada, resume o sentimento e o estado de espírito que dominou o escritor, ensaísta e pregador em boa parte de sua vida, que transparecem em muitas de suas obras e que poderia servir de subtítulo a este ensaio *O que é Arte?*.

Terminado em 1898, o livro apresenta as opiniões de Tolstoi sobre a arte de seu tempo, das condições econômicas, sociais e culturais que a geraram e suas considerações sobre como ela deveria ser. Uma leitura desatenta de um leitor dos nossos dias corre o risco de mostrar a obra como fruto de um mau fim de semana de um carola religioso, provinciano e ranzinza que, em nome de uma arte pretensamente popular, pura e que deve servir ao Bem, joga no lixo como inútil e nociva a maior parte da produção cultural e artística do Ocidente. Dentro desse ponto de vista, o conhecimento desta obra poderia ser levado a efeito com a devida condescendência que dedicamos aos anacronismos de todos os campos e naipes.

Infelizmente, não é tão fácil assim e *O que é Arte?* insiste em não se encaixar na categoria de curiosidade pitoresca e descartável.

A obra demorou quinze anos para ser concluída. Insere-se numa série de livros e tratados polêmicos na qual o autor, com uma honestidade intelectual consigo mesmo da qual podemos discordar, mas nunca descartar, expõe suas idéias e pensamentos, angústias e iras na tentativa de influenciar (e, portanto, transformar) a sociedade na qual vivia e de reafirmar, de forma radical, as

Foto ao lado: *A purificação*. Ícone. Escola de Andrei Rublev, início do século XV.



conclusões a que tinha chegado. Os sentimentos que o levaram a escrever este e outros livros também nutriram, de forma mais complexa e ambígua, suas obras artísticas mais sombrias. Datam do mesmo período *A morte de Ivan Ilitch*, *Sonata a Kreutzer*, *Mestre e servidor* e outras. Somente na última de suas novelas, a serena e perfeita *Hadji Murat*, podemos vê-lo reconciliado com a tranquilidade do Cáucaso que conhecera quando jovem. As polêmicas campanhas de Tolstói nas décadas de 1880 e 1890 o tornaram mundialmente famoso e lhe trouxeram hordas de discípulos e visitantes nos seus últimos anos de vida. Era, ao mesmo tempo, uma expressão da vontade de influenciar outras pessoas e ser um “mestre espiritual” como uma couraça para disfarçar sua angústia interior.

A primeira experiência intensa dessa angústia lhe veio de forma estranha e súbita, certa noite em 1869. Ele tinha então quarenta e um anos, era autor famoso (já havia concluído *Guerra e paz*), feliz no casamento, pai já de uma pequena família, estava a caminho de Penza para comprar terras. Em 4 de setembro de 1869 ele escreveu à sua esposa:

Anteontem eu passei a noite em Arzamas, e uma coisa extraordinária me aconteceu. Às duas da manhã me chegou uma estranha ansiedade, um medo, um terror como jamais experimentei. Contar-lhe-ei os detalhes mais tarde, mas nunca conheci sensações tão dolorosas, e queira Deus livrar todas as demais pessoas delas.

Eu me levantei rapidamente e dei ordens para arrearem os cavalos. Enquanto faziam isso, dormi e acordei novamente me sentindo muito bem. Ontem esses sentimentos voltaram quando estávamos na estrada, mas muito atenuados; eu estava preparado e resisti a eles, ainda mais porque não eram tão fortes. Hoje sinto-me bastante bem e alegre, tanto quanto é possível longe de você.

No curso desta viagem, senti pela primeira vez quanto você é próxima de mim, você e as crianças. Posso ficar sozinho desde que esteja constantemente ocupado, como em Moscou, mas, se não tiver o que fazer, sinto claramente que não posso ficar sozinho.



Em 1884, Tolstoi começou a escrever um relato ligeiramente ficcional dessa noite de súbito e inexplicável terror, ao qual deu o título *Diário de um louco*. A história ficou inacabada, mas a experiência obviamente continuava a assombrá-lo. “Um abismo se abriu à sua frente, o qual ameaçava tragá-lo”, escreveu o filósofo Leon Shestov, “ele viu o triunfo da morte sobre a terra, viu-se como um cadáver vivo”. Essa era a “loucura” por trás de toda a sua argumentação.

Os leitores dos últimos escritos filosóficos e polêmicos de Tolstoi, e de *O que é Arte?* em particular, encontrarão neles muitas das características de seu herói semi-autobiográfico Konstantin Levin, do romance *Ana Karenina*, terminado em 1877. A natureza absoluta e revelada do Bem, a identificação do bem com Deus, a unidade e unanimidade da humanidade no serviço do bem – que Tolstoi veio a chamar de “verdadeiro cristianismo” –, são alguns dos pontos cruciais que unem personagem e autor. Em seus trabalhos artísticos, Tolstoi revela mais do que as suas conclusões: revela o que jaz por trás da luta para chegar a essas conclusões e se ater a elas – aqui, aquele inexplicável terror, aquele senso de nulidade, a obsessão com a morte que ele partilhava com seu herói. Ele também mostra, talvez não de todo inadvertidamente, a situação humana do seu “pensador”, a figura do dono de terras como um filósofo feito-em-casa, o tipo de explicador local que encontramos mais tarde nos panfletos do próprio Tolstoi. E com essa argumentação constante e a substituição de uma crença por outra, ele aponta para a instabilidade dessas conversões.

Tolstoi se converteu momentaneamente, junto com seu herói, e voltou-se para a comunidade da Igreja Ortodoxa. Tornou-se um cristão praticante. Em julho de 1877, logo depois de terminar *Ana Karenina*, fez a primeira de suas quatro visitas ao monastério de Optino, famoso na época por seus anciãos (*starsy*) e por sua tradução e publicação das grandes obras da espiritualidade ortodoxa oriental.





(Gogol visitara Optino na década de 1850 e, em 1878, Dostoiévski fez uma peregrinação até lá com o jovem poeta e filósofo Vladimir Soloviev.) Tolstoi se encontrou com o ancião Amvrosy, hoje Santo Ambrósio, e ficou profundamente impressionado por sua sabedoria e força espiritual. Continuou a comparecer aos serviços religiosos por mais um ano, mais ou menos. De repente, em uma anotação no diário, datada de 30 de outubro de 1879, lemos: “Somente os perseguidos estão na verdade, os paulicianos, donatistas, bogomilos e outros como eles. E completamente, pois sofreram violência”. Portanto, ele se colocava ao lado dos hereges, purificadores ou adversários da Igreja (praticamente a mesma lista de seitas é repetida com aprovação, vinte anos mais tarde, em *O que é Arte?*). Havia coisas demais nos dogmas, nos mistérios e na autoridade da Igreja que sua razão e sua consciência não podiam aceitar. Mais tarde, nesse mesmo ano, pouco antes de receber a comunhão, ele virou as costas e saiu da igreja para nunca mais voltar.

Tolstoi se referiu a essa rejeição como sendo o momento de sua conversão ao “verdadeiro cristianismo”. Em sua obra *Minha confissão*, escrita em dezembro de 1879, mas deixada inacabada – e publicada somente em 1911 –, descreveu seu estado espiritual em termos angustiados e deu as razões para seu súbito rompimento com a Igreja. Em março do ano seguinte, ele havia escrito uma *Crítica da teologia dogmática*, o primeiro de seus ataques à suposta perversão da verdade cristã pela Igreja.

Começou então a trabalhar em uma *Combinação e tradução dos quatro Evangelhos*, sua versão pessoal do Novo Testamento, purgada das referências à divindade de Cristo, a milagres, ao sobrenatural, à redenção, à imortalidade – todas as coisas que ele considerava adições irracionais e perniciosas ao ensinamento de Cristo. Essa obra o ocupou esporadicamente por vários anos. Voltando a Optino no verão de 1881, ele apresentou suas novas visões ao ancião Amvrosy, denunciando a Igreja e discutindo certos pontos dos



Evangelhos, e dessa vez saiu desapontado com a “fé cega” do ancião. Na época, ele estava esboçando uma explanação completa do “verdadeiro cristianismo”, que foi publicada em 1844 com o título *O que é minha fé?* E estava começando a atrair discípulos.

O castigador da Igreja logo se tornou também castigador do Estado e da sociedade. Isso resultou de seu retorno à pureza do Evangelho, mas também de sua mudança, em 1882, de sua propriedade rural em Yasnaya Polyana para Moscou, onde se estabeleceu com relutância, com sua família, para propiciar a educação dos filhos e seu acesso à vida social. Lá, pela primeira vez, ele se conscientizou dos horrores da pobreza urbana. Encontrou os sem-teto em abrigos de caridade, durante seu trabalho para o censo de Moscou, e sentiu que era “impossível, impossível, impossível” que os ricos vivessem da forma como viviam, em face de tal miséria e desesperança. Ele deu dinheiro a algumas dessas pessoas, mas logo verificou que caridade pessoal não era suficiente. Usou a oportunidade para atacar com violência a sociedade e sua própria classe, em seu artigo sobre o censo de Moscou e em sua versão ampliada, *O que, então, deve ser feito?*,

que foi publicada em 1886. Esse trabalho foi seguido por *Igreja e Estado* (1891) e, depois, pela expressão mais completa de sua mensagem ao mesmo tempo social e espiritual: *O Reino de Deus está dentro de você* (1894).

Essencialmente, a doutrina de Tolstoi é uma forma de anarquismo cristão,



Tolstoi organiza uma campanha contra a fome. Em 1891, uma terrível carestia desabou sobre numerosas regiões da Rússia. Os camponeses abandonaram as aldeias pelas cidades, numa tentativa desesperada para encontrarem o que comer



baseado no princípio do amor fraterno e em certos preceitos do Sermão da Montanha: não ser colérico; não cometer adultério; não fazer juramentos; não oferecer resistência ao mal; amar os inimigos (ver Mateus, 5:21-43). Com esse extrato dos Evangelhos, ele combinava a visão geral de um liberal do século dezenove e, especificamente, a visão da história como processo de evolução moral das massas e declínio dos governos. O bem, acreditava ele, conduziria afinal a humanidade a uma sociedade agrária, igualitária, livre de Estados, composta de vegetarianos abstêmios e não fumantes que se vestiriam como camponeses e praticariam a castidade antes e depois do casamento. Esse seria o reino de Deus na terra.

A figura que Tolstoi compôs para si mesmo, ou de si mesmo, tem as características tradicionais do sectário – as alegações de pureza e verdade em sua doutrina, que vêm de uma relação direta com Deus; a negação de toda autoridade além de Deus e de toda responsabilidade perante outro que não Deus; a rejeição de todas as formas de ritual, sacramento, simbolismo, mediação; a condenação do luxo, da desigualdade e de outras ofensas sociais; a chamada a uma vida simples e de abstenções; a idéia maniqueísta de que a carne e a matéria em geral são más. Entretanto, e de forma que não chega a surpreender, possui também alguns traços dos niilistas russos da década de 1860. Há nele o moralismo e o racionalismo pesado dos niilistas, seu modo desafiador, seu estilo de prosa deliberadamente cru e enfático. Seu tratamento polêmico da questão da arte, em particular, tem muito em comum com a crítica niilista.

Didatismo e despoetização, por exemplo, também reinam livres em *O que é Arte?*, que é outro “desafio lançado a todos os homens instruídos”. E aqui Tolstoi vai mais longe do que os niilistas tinham ousado ir. Ele nega mais. Condena não apenas Pushkin, mas Shakespeare, Dante, Goethe, Rafael, Michelângelo, Bach, Beethoven – e os seus próprios romances.

Como exemplo de boa arte, cita uma história anônima sobre uma



galinha, o canto das camponesas de sua propriedade, acompanhado pelas batidas dos alfanjes, as mais sentimentais pinturas de gênero, maçanetas de porta, bonecas chinesas. Há provocação deliberada nisso tudo, mas há também um tipo de impotência lógica, como se ele fosse forçado a ir para onde seus demônios o levavam.

O princípio básico de Tolstoi, colocado em itálico na quinta parte de *O que é Arte?*, reflete seu pensamento polêmico sobre o assunto:

A Arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar.

A contaminação é o critério de Tolstoi para a arte, qualquer que seja a importância dos sentimentos que ela comunica. A boa arte, então, é a que comunica aos outros a vivência pelo artista dos sentimentos do bem, de forma que eles sejam contaminados pelo mesmo sentimento. Na sétima parte do livro, Tolstoi define o bem em contraposição ao belo:

O bem é o eterno, o objetivo mais alto de nossa vida. Não importa como o entendamos, nossa vida não é senão um esforço em direção ao bem — ou seja, em direção a Deus.

O bem é, de fato, um conceito fundamental que metafisicamente constitui a essência da nossa consciência, um conceito indefinível pela razão.

O bem é aquilo que ninguém pode definir, mas que define tudo o mais.



Rodchenko.  
Fotomontagem  
para o poema  
"Isto" de  
Mayakovsky.  
1922-23.  
Museu  
Mayakovsky.



Mas o belo, se não quisermos nos satisfazer com palavras, mas sim falar do que entendemos — o belo não é mais do que aquilo que nos é agradável.)

...Quanto mais nos damos à beleza, mais distantes estamos do bem.

Eu sei que a resposta costumeira a isso é que existe uma beleza moral e espiritual, mas tal alegação é somente um jogo de palavras, pois dizendo beleza espiritual ou moral não queremos dizer senão o bem.



Museu Tolstói em Yasnaya Polyana, antiga casa do chefe da estação.

Em contraposição aos ícones e símbolos, a razão de Tolstói rejeitava, acima de tudo, a estrutura mística da realidade encarnada no que ele chamava “cristianismo da Igreja”. Ele recusava a possibilidade dos sacramentos, que são símbolos no sentido mais real. E na arte, também, ele reservava seu maior desdém para os simbo-

poetas franceses dessa escola e seus mestres, Baudelaire e Verlaine. É verdade que os símbolos não podem ser criados de propósito; eles são muito poucos e são dádivas, não criações humanas. Há, portanto, algo congenitamente absurdo em ser um “simbolista”. Mas quem foi mais consciente desse absurdo do que Baudelaire? Quem, mais do que ele, compreendia o papel ambíguo que o artista desempenhava na vida moderna? Os simbolistas estavam cientes da separação dos “temas”, da dissolução do símbolo e de que essa dissolução não alterava a estrutura mística da realidade, mas causava uma “pseudometamorfose” em nossa percepção dela. Baudelaire retrata o poeta como um pecador que, em suas criações negativas, mantém aberto o espaço do símbolo e quase reinventa sua unicidade perdida. Mas somente “na arte”, é claro.

↳ Tolstói, por outro lado, via o artista como um moldador da própria vida, como um “professor dos homens” e um “líder” no movi-



mento à frente da humanidade, em direção do bem. Para ele, as categorias “poeta” e “pecador” eram mutuamente excludentes.<sup>77</sup> Ele queria purificar a arte de todos os sentimentos não bons, todos os mistérios falsos e escravizantes, tudo que é ambíguo, irracional, contraditório. Ele queria que a arte progredisse rumo a quê? Mais cantoria e pancadas dos alfanjes? Mais histórias sobre galinhas? A intensidade do ataque e a pobreza do resultado sugerem que Tolstoi tinha outros motivos para sua polêmica, além do interesse na questão que lhe serve de título.

Dante, que Tolstoi rejeita por ser falso e desatualizado, também se mostrou como um pecador, um homem perdido numa floresta escura; sua visão lhe veio nessa escuridão. Tolstoi não se permite tal franqueza. Como escreveu Leon Shestov, ele “não fala com seus discípulos fora da escola”; partilha com eles apenas “conclusões” e esconde deles o trabalho angustiado e doloroso da alma que considera exclusivamente “assunto do mestre”. O neopagão Nietzsche é um dos alvos de Tolstoi em *O que é Arte?*. E, no entanto, Shestov está certo quando diz que a frase de Tolstoi, “Deus é o bem”, não é diferente da frase de Nietzsche, “Deus está morto”. O céu de Tolstoi é vazio. Era isso que ele escondia atrás do “brilhante edifício de suas pregações”. É o abismo da noite em Arzamas, e está dentro do próprio profeta. Se ele conseguiu ocultá-lo de seus seguidores, nunca conseguiu ocultá-lo de seus próprios olhos.

Cansado de homenagens, ávido de solidão, abandonou a família e seus discípulos. O último ato na vida desse homem dilacerado, o inimigo declarado da Igreja que, em 1901, tinha finalmente conseguido a excomunhão, foi uma última viagem ao monastério de Optino. Na noite de 27 de outubro de 1910, com oitenta e dois anos, ele saiu em busca de “isolamento e silêncio”. Assim explicou no bilhete que deixou para sua esposa. O que mais ele poderia estar buscando, não sabemos. Morreu no caminho, na estação de Astapov.





Platéia de Ópera do século XIX.